



DESEMPREGO: RELAÇÃO ENTRE AUTOEFICÁCIA E BEM-ESTAR SUBJETIVO

UNEMPLOYMENT: RELATION BETWEEN SELF-EFFICIENCY AND SUBJECTIVE WELL-BEING

Matildes José de Oliveira¹, Daniela Sacramento Zanini²

¹Faculdade Evangélica de Goianésia (FACEG); e-mail: matildes.oliveira@evangelicagoianesia.edu.br

²Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: dazanini@yahoo.com

Info

Recebido: 08/2021
Publicado: 12/2022
DOI: 10.37951/2358-260X.2022v9i2.6002
ISSN: 2358-260X

Palavras-Chave

desemprego, autoeficácia e bem-estar subjetivo

Keywords:

unemployment, self-efficacy and subjective well-being

Resumo

O objetivo da pesquisa foi verificar a relação entre os aspectos pessoais (dados demográficos), autoeficácia e bem-estar subjetivo nos trabalhadores desempregados da cidade de Goiânia-Go e região metropolitana. Participaram do estudo 254 trabalhadores desempregados residentes nessas localidades, localizados por meio das agências do Sistema Nacional de Emprego (Sine); empresas de recursos humanos e uma escola de educação para jovens e adultos (EJA). Foram utilizados como instrumentos de investigação um questionário sociodemográfico, uma escala de autoeficácia contendo 19 itens relacionados à questão do desemprego, elaborada por Campos (2011), e uma escala de bem-estar subjetivo (Ebes), que contempla 47 itens que medem afeto positivo e negativo, elaborada e validada por

Albuquerque e Trócoli, em 2004. Por meio dos dados levantados, Foi analisada a regressão entre a autoeficácia, sexo, idade, tempo de desemprego e bem-estar subjetivo dos desempregados. Os resultados revelam que o afeto positivo é explicado em 25% pelas variáveis sexos (beta = 0,22 e p = 0,003) e autoeficácia (beta = 0,41 e p = 0,000). Contudo, a idade e tempo de desemprego não explicam afeto positivo relatado pelos desempregados.

Abstract

The objective of this research was to investigate the relationship between the personal aspects (demographic), self-efficacy and subjective well-being in unemployed workers in Goiânia-Go and the metropolitan area. 254 unemployed workers participated of the study located through the agencies of the National Employment System (NES), staffing agencies and an education school for youth and adults (EYA). As an investigation item research it was used a sociodemographic questionnaire, a self-efficacy scale containing 19 items related to unemployment, developed by Fields (2011), and a range of subjective well-being (SWB), which comprises 47 items measuring positive and negative affection developed and validated by Trócoli and Albuquerque, in 2004. Through the data collected, the regression was analyzed between self-efficacy, sex, age, duration of unemployment, and subjective well-being of the unemployed. The results show that positive affection is explained by 25% by the variables gender (beta = 0.22, p = 0.003) and self-efficacy (beta = 0.41, p = 0.000). However, age and duration of unemployment do not explain positive affection reported by the unemployed.

Introdução

De acordo com o relatório da Organização Internacional do Trabalho – OIT (2011), intitulado *Global employment trends 2011: the challenge of a jobs recovery*, mesmo com o crescimento da economia mundial, a questão do desemprego ainda se mostra preocupante. O relatório revela que o desemprego oficial mundial permanecia desde 2009, sem alterações e que, em 2011, o índice mundial de desemprego será de 6,1%, equivalente a

203,3 milhões de desempregados no mundo. Os países em desenvolvimento permaneceram com elevado índice de desemprego, tendo como consequência a pobreza, o que também afeta a qualidade de vida e o bem-estar da população (OIT, 2011).

A OIT (2011) aponta ainda que os jovens, na faixa etária de 15 a 24 anos, que se encontravam desempregados no mundo, em 2007, correspondiam a 73,5 milhões de pessoas, tendo

umentado em 2009 para 80 milhões. Em 2010, houve uma redução desse número para 78 milhões, com um índice de 12,6%, 2,6 vezes superior à taxa de desemprego dos adultos.

O presidente do OIT, Juan Samovia (2011), descreve no Centro de Notícias da ONU (2011) que:

o desemprego juvenil é uma prioridade mundial. [...] A fraca recuperação do trabalho digno confirma a incapacidade persistente da economia mundial para garantir a todos os jovens um futuro. Isto prejudica as famílias, a coesão social e a credibilidade das políticas.

Os países em desenvolvimento, como Brasil, Casaquistão, Sri Lanca, Tailândia e Uruguai, conseguiram baixar a situação de desemprego com índices inferiores aos da crise de 2007. Pode-se dizer que a estabilização da economia é um fator essencial mundialmente, em consequência da necessidade da inclusão da atividade de trabalho, supondo que este modifica e coloca o homem em uma relação social distinta, em sua capacidade de realização pessoal, social, econômica e financeira (OIT, 2011)

Dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2011), referente ao Brasil, corroboram os dados da OIT, apontando que, em 2011, houve um crescimento do emprego. Em janeiro de 2011 o desemprego obteve um índice de 6,1%, em fevereiro do mesmo ano, houve um aumento de 0,3%, alcançando o índice de 6,4% e em março o índice aumentou para 6,5% e, em abril, voltou a baixar para 6,4%. Assim, verifica-se uma oscilação equilibrada, mantendo-se a estabilização do emprego (IBGE, 2011).

Em pesquisa realizada por Fleig, Pereira, Grzybovski e Brito (2005), tendo como objeto uma empresa pertencente ao setor metalúrgica e situada no sul de Minas Gerais, buscou-se estabelecer a correlação entre o processo de demissão, as percepções do trabalho e os significados do desemprego. O estudo foi efetuado no segundo semestre de 2002, com uma amostra constituída por vinte funcionários demitidos, de uma população de 350 pessoas, nos últimos três anos. Os dados foram coletados por meio de entrevista com roteiro semiestruturado. No estudo, evidenciou-se a forma como as pessoas se comportam em relação ao que acontece habitualmente em suas vidas. Assim, a pesquisa observou as representações dos sujeitos com base no processo de demissão, verificando as implicações na vida social (familiar, amigos, ex-colegas) e nas questões financeiras. Foram verificadas quatro categorias, observadas em relação ao significado do desemprego:

O primeiro item faz referência ao desemprego como perda da referência social. Nesse aspecto, destaca-se a pressão social e econômica em relação aos desempregados, no espaço comunitário, na sua realidade social e na desvalorização pessoal. A pesquisa mostrou que o trabalho é a forma que compõe o aspecto financeiro, salientando que ele se constitui um fator importante para realidade social. O dinheiro é uma das formas de interação com as relações de referências sociais e econômicas, pois o emprego faz que as pessoas elabore projetos, e a situação de desemprego geralmente conduz a um certo grau de desilusão (Fleig, Pereira, Grzybovski & Brito, 2005).

O segundo item trata do desemprego como fonte constante de pressão e sentimento de

traição. Nesta situação, o desemprego é apontado como fonte de pressão e ameaça constante, provocando inseguranças, incertezas, e carências monetárias. Essa situação oferece dúvidas, tornando a pessoa menos firme em suas decisões por não conseguir manter as necessidades familiares e sociais, tais como, alimentação, vestuário e moradia, abalando, assim, sua identidade. O dinheiro é considerado um dos mediadores da qualidade de vida, e em decorrência da ausência da atividade de trabalho, o indivíduo deixa de possuir meios para sua sustentabilidade, sentindo-se impossibilitado em estabelecer uma interação social completa (Fleig, Pereira, Grzybovski & Brito, 2005).

O terceiro item trata o desemprego como ameaça à cidadania econômica. Nesta condição, foi observada a relação entre os sentimentos dos desempregados com a situação econômica e financeira. O quarto item cita o desemprego como algo que possibilita novas alternativas, de trabalho a perda de um emprego faz que um número significativo de pessoas abra seu próprio negócio, uma das alternativas para a sustentabilidade. A pesquisa revela que as pessoas com potencial mais ativo e ousado usaram a situação de desemprego como impulso para constituir algo novo (Fleig, Pereira, Grzybovski & Brito, 2005).

Já Corbi e Menezes Filho (2006) compreendem o contexto do desemprego, na perspectiva de que ele abrange questões que extrapolam as relacionadas ao dinheiro. Segundo os autores as pessoas com nível mais elevado de renda têm maior possibilidade de obterem o que almejam, portanto, tendem a possuir mais valores econômicos. Segundo os autores, as pessoas mais pobres são menos felizes. Além de o dinheiro acarretar felicidade, pois ele se constitui um

elemento essencial para melhorar a autoestima e o bem-estar subjetivo, promove *status*, de tal modo, que as pessoas economicamente estabilizadas são mais felizes.

Corbi e Menezes Filho (2006) citam ainda outra pesquisa realizada com a finalidade de obter dados empíricos sobre a dimensão de bem-estar subjetivo relacionado ao desemprego a – *World values survey* – (Pesquisa mundial de valores). O estudo focou-se no Brasil, contudo, utilizaram-se dados de mais quatro outros países que apresentavam diferenças econômicas e culturais (língua e religião): Estados Unidos da América (EUA), Argentina, Japão e Espanha. Os resultados da pesquisa demonstraram que, no Brasil, as pessoas com maior estabilidade econômica têm maiores oportunidades de serem felizes. Dentre outros resultados, apontou-se que a situação de desemprego pode reduzir o bem-estar subjetivo das pessoas.

Frey e Stutzer (2002) encontraram uma relação positiva entre renda e felicidade, que a felicidade depende de três fatores. O primeiro refere-se às situações demográficas e de personalidade, à educação e à saúde. O segundo engloba as situações econômicas, o desemprego, a renda e a inflação. O terceiro faz referência aos fatores políticos. Os autores, por meios empíricos, sugerem que a felicidade está entrelaçada ao aumento da renda e que pode ser afetada por algumas situações, como diminuição da renda, desemprego e inflação. Evidenciam também que o grau de satisfação das pessoas depende do valor financeiro adquirido, que deve atender às suas necessidades familiares e sociais, e que o valor da renda pode ser um fator essencial para um nível maior de felicidade.

De acordo com Diener e Diener (1995),

no bem-estar subjetivo, as pessoas verificam seus comportamentos por meio de suas atitudes, julgamento chamado de cognitivo. Assim, cabe refletir como esses comportamentos são observados pelas pessoas em uma condição de desemprego, suas satisfações pessoais e sociais, além de identificar o fator de felicidade ou de infelicidade. Que pode influenciar o meio social, familiar e pessoal, implicando suas perspectivas positivas ou negativas.

Winkelmann (2006) realizou uma pesquisa que envolve o desemprego, capital social e o bem-estar subjetivo, e com o intuito de observar as consequências do desemprego. Foi utilizada para as análises empíricas de dados do painel socioeconômico alemão. O levantamento dos dados foi iniciado em 1984, primeiramente na Alemanha Ocidental, com pouco menos de 6 mil famílias. Mas tarde, em junho de 1999, a base da amostra foi estendida à Alemanha Oriental, incluindo cerca de mais 2 mil famílias. O autor explica que, como houve a união monetária na Europa, decidiu incluir as famílias da Alemanha Oriental só a partir de 1991 em diante, com o objetivo de combater os efeitos adversos de atrito do painel sobre o tamanho das amostras. Assim, as amostras foram complementadas em 1998, com cerca de mais 1.100 famílias, e em 2000, com cerca de 5 mil famílias.

A análise da pesquisa incidiu sobre indivíduos que fizeram uma transição de emprego para desemprego entre os dois anos consecutivos. Durante esse período, houve 5.536 transições no país pesquisado. Vale lembrar que a princípio, o autor analisava parte de um país (a ocidental) e depois foi agregado a outra parte (a oriental). As amostras entre 1994 a 2004 foram determinantes, em razão da heterogeneidade das alterações, com

comentários mais gerais.

Os resultados apontaram, conforme dados do painel Socioeconômico alemão, que, entre 1994 a 2004 houve uma redução significativa no bem-estar subjetivo durante o período de desemprego. Percebeu-se que o capital social reduz os efeitos nocivos do desemprego no bem-estar, e que, portanto, possui um efeito positivo, de forma significativa sobre os níveis de bem-estar. No geral, verificou-se que o bem-estar teve um impacto significativo para as pessoas. Entretanto, o capital social obteve um maior efeito positivo que o bem-estar, e que aqueles com uma perda maior desse capital são mais propensos a procurar até mesmo a encontrar um emprego nos anos seguintes.

O emprego tem uma grande influência na vida do homem, pois pode dizer que, sem ele, o indivíduo deixa de ter um padrão de vida satisfatório, o que afeta seu bem-estar subjetivo (BES), que é parte da observação de elementos que compõem a vida das pessoas, tendo como consequência a felicidade ou a infelicidade. Os primeiros estudos nesse campo foram realizados nos EUA, onde diversas denominações são dadas a esse construto: felicidade, satisfação, estado de espírito, afeto positivo (Albuquerque & Tróccoli, 2004). Para Giacomoni (2004), o bem-estar subjetivo resulta de experiências individuais de avaliação de felicidade, satisfação e afeto positivo.

Dentre alguns estudos realizados, pode-se destacar a pesquisa de Brebner, Donaldson, Kirb, Ward (1995), que contou com a participação de 95 estudantes voluntários, e na qual se observaram as medidas de felicidade e personalidade, a disposição das pessoas a serem felizes ou não. Segundo os autores, as pessoas que apresentam o neuroticismo comportaram-se de forma negativa em relação à felicidade. Porém, as pessoas que

caracteristicamente exteriorizam facilmente suas emoções são mais receptíveis aos comportamentos dos outros, demonstrando de forma positiva o sentimento de felicidade.

Foi ainda realizada uma pesquisa por Lima, Silva, Barros e Oliveira (2009) com 361 participantes do II Congresso de Gestão de Pessoas de Mossoró no Rio Grande do Norte (Congepem), com o objetivo de analisar a relação entre autoeficácia e atributos sociodemográficos. A investigação foi descritiva e se utilizou o método quantitativo, visando analisar as seguintes variáveis: sexo, faixa etária, escolaridade e estado civil. A amostra envolveu especialidades distintas e variadas, como estudantes, profissionais liberais, funcionários públicos, empregados de empresas privadas. Os resultados sociodemográficos apresentaram a predominância de mulheres, com um índice de 70,1%, da faixa etária correspondida entre 16 a 25 anos de idade (45,1%). Quanto ao estado civil prevaleceram os solteiros (57,3%), a escolaridade de ensino superior incompleto (56,5%), ressaltando-se que, no universo pesquisado, 82,5% das pessoas estavam trabalhando. Para estabelecer a correlação entre fatores sociodemográficos e o nível de autoeficácia dos indivíduos foi aplicada à análise de correlação de Spearman. Os resultados apresentados foram positivos, embora a correlação tenha sido fraca, verificou-se que, quanto maior a idade, maior nível de autoeficácia, já as pessoas solteiras apresentaram menor nível de autoeficácia em relação aos casados, divorciados e viúvas.

No tocante à questão da autoeficácia, Bandura (1997) afirma que ela é crença que o ser humano tem em relação à sua própria capacidade, o que evidencia sua credibilidade na realização de suas crenças e por acreditar em suas habilidades e

na efetuação de suas ações de forma positiva ou negativa. O autor menciona que a crença da autoeficácia pode nortear a vida das pessoas nos resultados de suas ações, sendo considerado um fator estimulante para suas convicções, seja de forma baixa ou elevada.

Vários estudos foram realizados para reforçar os construtos da crença de autoeficácia e bem-estar subjetivo, o estudo realizado por Pelissoni (2007), com 351 estudantes do último ano do curso de licenciatura de uma universidade pública do interior de São Paulo, abordou especificadamente o momento da transição para o trabalho em cada estudante pesquisado, observando as crenças de autoeficácia referentes à convicção pessoal na capacidade de organizar e executar ações de procura de emprego e de adaptação no mundo do trabalho. A pesquisa revelou um baixo índice da autoeficácia, que poderia estar relacionadas ao comportamento de exploração da carreira.

Para Bandura (1997), a autoeficácia é percebida como um forte influenciador na efetivação das ações das pessoas. Essas convicções podem ser agregadas aos indivíduos, levando-os a alcançarem determinados resultados em níveis mais elevados ou baixos. O indivíduo é estimulado, no curso de suas ações e na maneira como as desempenha em sua vida, o que afeta seu crescimento e evolução. Pode-se considerar que o comportamento das pessoas em relação às suas convicções de autoeficácia determina suas experiências em distintas situações relacionadas à sua vivência (Bandura, 1997).

O elo entre os estudos dos construtos de autoeficácia e bem-estar subjetivo fortalecem essas teorias. Assim, as pesquisas realizadas oferecem contribuições com dados empíricos, conforme o

estudo realizado na Colômbia por Gómes, Villegas, Barreira e Cruz (2007), com o objetivo de avaliar o bem-estar subjetivo sua previsão de autoeficácia e satisfação com algumas variáveis, como saúde, relacionamentos e trabalho. A pesquisa foi realizada em um momento em que o país passava por uma crise economia social. O universo pesquisado era de 795 alunos, professores e funcionários da Universidade de Los Andes, no quais 363 eram homens e 431 mulheres, e apenas uma pessoa não informou o sexo. A amostra foi constituída por 677 estudantes, correspondente a um índice de 85,2% do universo pesquisado, e destes, 310 eram do sexo masculino e 367 do feminino, com a idade média de 19 anos. Dos 51 professores (6,4%), 31 eram homens e 20 mulheres, com idade média de 40 anos e período médio de trabalho na instituição de 9 anos. Dos funcionários administrativos, um total de 67 pessoas (8,4%) 22 eram homens, e 44, mulheres, com idade média de 32 anos e período médio de emprego na instituição de 6 anos. A participação dos pesquisados foi de forma voluntária.

Os resultados revelaram médias elevadas de bem-estar subjetivo, e que, quanto maior a autoeficácia, maior o bem-estar. Também os resultados assinalaram alto nível de bem-estar subjetivo, autoeficácia e satisfação na maior parte das variáveis, como as relacionadas com os relacionamentos afetivos, futuro e trabalho, contudo, a autoeficácia apresentou um alto percentual correspondente ao bem-estar subjetivo.

Vários estudos vêm demonstrando as contribuições dos construtos da autoeficácia e bem-estar subjetivo como importantes mediadores de comportamento, assim, este estudo tem por objetivo investigar a relação entre os aspectos pessoais (dados demográficos), autoeficácia e bem-

estar subjetivo em trabalhadores desempregados da cidade de Goiânia- Go e região metropolitana.

Método

Participantes

A amostra compôs-se de 254 desempregados residentes na cidade de Goiânia e região metropolitana selecionados em uma das agências do Sistema Nacional de Emprego (Sine), relativo a trabalhadores desempregados à procura de emprego, assim como outros desempregados, alunos de um centro de educação de jovens (EJA) e também de duas empresas de recursos humanos. Para seleção do grupo pesquisado, estabeleceram alguns critérios de participação: ter entre 17 e 60 anos de idade, ser alfabetizado e ter tido carteira de trabalho assinada em pelo menos um emprego.

Instrumentos

Foram aplicados como instrumento de coleta de dados um questionário sociodemográficos com itens relacionados: sexo, idade, escolaridade, estado civil, número de filhos, naturalidade, profissão, tempo de desemprego e recebimento de seguro- desemprego.

Aplicou-se ainda a escala de autoeficácia desenvolvida por Campos (2011), composta por 14 itens, os quais devem ser respondidos em uma escala tipo Likert, que varia de 1 (discordo totalmente) a 4 (concordo totalmente), contendo frases que expressam diferentes sentimentos que avaliam em que medida as pessoas se sentem confiantes na sua capacidade e habilidades em procurar um novo emprego. O índice *alpha* para o total de itens da escala foi de 0,82 (Campos, 2011).

Também foi utilizada a escala de bem-estar subjetivo (Ebes), instrumento que contempla 47 itens, que medem o afeto positivo e o negativo.

Essa escala foi desenvolvida e validada por Albuquerque e Trócolli (2004), contendo palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções, não exigindo respostas caracterizadas em certas ou erradas. Foram respondidas 47 questões que expressam a resposta de acordo com os seguintes dados: (1) nem um pouco, (2) um pouco, (3) moderadamente, (4) bastante e (5) extremamente. A escala revela três fatores: afeto positivo (21 itens, explicando 24,3% da variância, $\alpha = 0,95$); afeto negativo (26 itens, 24,9% da variância, $\alpha = 0,95$) e satisfação-insatisfação com a vida (15 itens, 21,9% da variância, $\alpha = 0,90$). Juntos, os três fatores explicaram 44,1 % da variância total do construto (Albuquerque & Trócolli, 2004).

Procedimentos

Garantindo todos os procedimentos éticos de pesquisa com seres humanos, conforme Resolução nº196/96, houve contato com as agências do Sine, empresas de recrutamento e seleção de pessoal e um colégio em Goiânia. Após autorização de todos os locais citados, os participantes foram convidados a responderem aos questionários na própria instituição e ou onde foi realizada a pesquisa. A aplicação do questionário foi de forma individual, em tempo médio de trinta minutos.

Todos os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aceitando responder ao questionário para o estudo científico, assim como autorizar a publicação dos resultados. Aos sujeitos pesquisados foi explicado que tais procedimentos fazem parte de um estudo acadêmico e que o sigilo dos dados e as respostas emitidas seriam respeitados.

Após a coleta, os dados foram inseridos

no pacote estatístico Statistical Package for the Social Science (SPSS), Versão 16.0 sendo analisados segundo as técnicas estatísticas pertinentes para cada variável analisada.

Resultados e Discussão

A descrição dos resultados foi organizada em duas etapas. Na primeira, foram dispostos os resultados descritivos das variáveis sociodemográficas e, posteriormente, foi realizado um estudo de regressão entre bem-estar subjetivo, autoeficácia e variáveis sociodemográficas.

A análise descritiva dos dados sociodemográficos dos participantes revelou que, o perfil dos desempregados era de pessoas com idade entre 18 e 58 anos, com média de idade de 27,31 anos e desvio padrão de 7,94. Deste modo, constituiu-se de pessoas mais jovens, considerado um fator preocupante não só para Estado de Goiás e o Brasil, mas também mundialmente. Porém, cabe ressaltar que a idade se mostrou correlacionada significativamente, conforme menciona o relatório da Organização Internacional Trabalho (OIT) (2011), no qual se aponta que os jovens desempregados no mundo correspondem a 78 milhões, e a faixa etária referida pelo relatório corresponde a 15 e 24 anos, e que esse índice é 12,6% superior à taxa das pessoas desempregadas adultas.

Os resultados indicaram também que o tempo em que as pessoas ficaram desempregadas variou de 1 a 120 meses, com um período médio de 9,35 meses e desvio padrão de 12,57. Outro item abordado o número de filhos dos participantes da pesquisa (tabela 1). A maioria (48,4% dos participantes) revelou ter entre 0 a 2 filhos, o que corresponde à média nacional, conforme dados divulgados pelo IBGE (2010), segundo o qual a

taxa de fecundidade média das brasileiras era de 1,94 filhos, em 2009.

A tabela 1 mostra ainda que, quanto ao sexo predominaram indivíduos do sexo masculino. Dos participantes, a maioria não estava recebendo o benefício do seguro-desemprego. Quanto ao estado civil, a maior proporção constituiu-se de indivíduos solteiros. Os dados do IBGE 2011, em uma análise realizada sobre o estado civil, entre os

anos de 2000 a 2010 mostraram que houve um aumento significativo das uniões consensuais de 28,6% (2000) para 36,4% (2010), e uma redução dos casamentos, tanto civil como religioso que apresentava um índice de 49,4% em 2000 para uma redução de 42,9% em 2010. Houve um crescimento de pessoas divorciadas em de 2000 com um índice de 1,7% para 3,1% em 2010 (IBGE, 2011).

Tabela 1 – Variáveis sociodemográficas.

Variável	Frequência	%
Número de filhos		
Zero “0”	41	16,2%
1 e 2 filhos	82	32,2%
3 e 4 filhos	15	5,9%
5 e 6 filhos	2	0,8%
Não responderam	114	44,9%
Sexo		
Masculino	132	52,0%
Feminino	107	42,1%
Não informaram sexo	15	5,9%
Seguro desemprego		
Sim	21	8,3%
Não	192	75,6%
Omitiram a informação	41	16,1%
Estado Civil		
Solteiro	147	57,9%
Casado	71	28,0%
Divorciado	10	3,9%
Viúvo	1	0,4%
Não informaram estado civil	25	9,8%

Os resultados mostraram que a maioria dos desempregados cursaram ensino médio completo, (tabela 2). A baixa escolaridade dos sujeitos pesquisados é um desafio não somente em

Goiás, mas reflete uma realidade em âmbito nacional. Segundo os dados do IBGE (2010), nos últimos anos houve um avanço no que se refere ao nível de escolaridade,mas que ainda continua baixo.

Neste estudo, a maioria dos pesquisados são pessoas naturais da região metropolitana de

Goiânia.

Tabela 2 –Variáveis sociodemográficas

Variável	Frequência	%
Escolaridade		
Ensino fundamental incompleto	14	5,5%
Ensino fundamental completo	25	9,8%
Ensino médio incompleto	32	12,6%
Ensino médio completo	101	39,8%
Ensino superior incompleto	27	10,6%
Ensino superior completo	20	7,9%
Pós graduação	4	1,6%
Deixaram de responder	31	12,2%
Origem		
Região Metropolitana de Goiânia	77	30,2%
Outros estados	71	28,0%
Interior de Goiás	35	13,8%
Não responderam	71	28,0%

Dentre as profissões dos desempregados, foram elencadas diversas categorias divididas em grupos, segundo a classificação brasileira de ocupação (CBO). A CBO é uma publicação brasileira que classifica as diversas atividades dos trabalhadores do país, nos mais diferentes setores de atividade, tanto do setor público como privado, dividindo-os em grandes grupos – denominados de GG. Dentre as categorias, destacam-se neste estudo os trabalhadores de serviços e vendedores do comércio com maior índice de procura de trabalho. Em Goiás, houve um aumento significativo desses segmentos,

destacando-se a prestação de serviços (70%), conforme dados do IBGE (2010).

De acordo com os resultados obtidos na pesquisa sociodemográfica, os desempregados eram na sua maioria do sexo masculino, e, em sua maior parte, com baixo nível de instrução, é relativamente jovens e solteiros. Essa análise restringiu-se apenas a habitantes da cidade de Goiânia e região metropolitana, embora (28%) seja de outros estados. O perfil das pessoas pesquisadas encontra-se em concordância com o parâmetro nacional.

Tabela 3 – Variável	Frequência	%
Profissão – Grupos CBO		
GG1 – Membros superiores do poder público	1	0,4%
GG2 – Profissionais das ciências e das artes	12	4,7%
GG3 – Técnicos de nível médio	12	4,7%
GG4 – Trabalhadores de serviços administrativos	35	13,8%
GG5 – Trabalhadores dos serviços vendedoresdo comércio	39	15,4%
GG6 – Trabalhadores agropecuários, florestais eda pesca	1	0,4%
GG7 – Trabalhadores da produção de bens eserviços industrial	5	2,0%
GG8 – Trabalhadores de reparação e manutenção	13	5,1%
GG9 – Membros das forças armadas, policiais e bombeiros	1	0,4%
Estudantes	25	9,8%
Trabalhadores domésticos	27	10,6%
Não responderam	83	32,7%

Análise de regressão entre bem-estar subjetivo e variáveis sociodemográficas e autoeficácia

A tabela 4 indica a análise da regressão entre a autoeficácia, sexo, idade, tempo de desemprego e bem-estar subjetivo dos desempregados pesquisados.

Análises estatísticas dos resultados foram analisadas como recurso o SPSS Versão 16.0, à determinação dos coeficientes de regressão linear entre as variáveis dependentes autoeficácia e bem-estar subjetivo, e as variáveis independentes sexo, idade e tempo de desemprego foram aplicadas e incluídas em todas as análises das variáveis dependentes, de forma a averiguar possíveis associações.

Observa-se que o afeto positivo é explicado em 25% pelas variáveis sexos (beta = 0,22 e $p = 0,003$) e autoeficácia (beta = 0,41 e $p = 0,000$). Assim, o fato de ser homem e ter maiores índices de autoeficácia prediz o afeto positivo. Contudo, a idade e o tempo de desemprego não explicam afeto positivo relatados pelos desempregados.

Em relação ao afeto negativo, observa-se que apenas a variável autoeficácia explica quase 12% de seu autorrelato dos desempregados, com um beta de -0,331 e um p de 0,000. As demais variáveis (sexo, idade e tempo de desemprego) não contribuem para o autorrelato de afetos negativos nos desempregados estudados (tabela 4).

Tabela 4 - Regressão linear utilizando como variável dependente afetos positivos e afetos negativos e como variável independente sexo, idade, tempo de desemprego e auto-eficácia.

	Beta	p <
Afetos positivos		
Sexo	0,22	0,003
Idade	0,11	0,112
Tempo de desemprego	0,78	0,280
Autoeficácia	0,41	0,000
Coefficiente de regressão	R = 0,523	
Variância explicada	R ² = 0,273; R ² _{Ajustado} = 0,253	
Teste estatístico	F = 13,546; p < 0,000	
Afetos negativos		
Sexo	-1,111	0,172
Idade	0,005	0,947
Tempo de desemprego	0,017	0,834
Autoeficácia	-0,331	0,000
Coefficiente de regressão	R = 0,375	
Variância explicada	R ² = 0,141; R ² _{Ajustado} = 0,116	
Teste estatístico	F = 5,762; p < 0,000	

Quanto à autoeficácia, revelou-se que a sua capacidade preditora, se restringe apenas a variável independente sexo na regressão sobre o afeto positivo, e não de forma global sobre as demais variáveis independentes. Porém, esse construto é uma forte preditora tendo uma contribuição significativa nas expectativas dos indivíduos sobre suas competências pessoais nas direções de suas atividades. Assim também, é analisado o resultado sobre o afeto negativo, revelando que quanto menor a o índice de autoeficácia menor afeto negativo.

A análise de regressão entre bem-estar subjetivo e variáveis sociodemográficos e autoeficácia em pessoas desempregadas apresenta relevância na medida em que a regressão

encontrada entre as variáveis são apresentadas, permitindo assim, uma reflexão sobre a avaliação das pessoas desempregadas em relação à sua autoeficácia e ao seu bem-estar subjetivo.

As dimensões de autoeficácia e bem-estar subjetivo demonstram estarem contribuindo de forma significativa no comportamento das pessoas, o que mostra a coerência dessas dimensões na particularidade dos construtos. Dessa forma, os dados confirmam que as variáveis de autoeficácia e sexo revelam positivamente nas pessoas os afetos positivos, evidenciando afetos e capacidades positivas no comportamento do ser humano. As expectativas dos desempregados são concretizadas positivamente, quanto maior a crença desses

indivíduos, maior seria a probabilidade de serem felizes. Observa-se, ainda, que o comportamento das pessoas nas perspectivas de autoeficácia e bem-estar subjetivos oscila entre dois extremos em relação a suas emoções. Bandura (1989); Diener, Scollon, Lucas (2003) consideram que os construtos da autoeficácia e bem-estar subjetivo são fundamentais para a observação dos comportamentos das pessoas, pois, por meio de tais crenças, o indivíduo assume a direção da sua vida. Porém, observa-se que o controle emocional do comportamento humano é advindo tanto do mundo interior quanto do ambiente exterior no qual o indivíduo está inserido.

Discussão

Como verificado no decorrer do presente artigo, a questão do trabalho sempre desempenhou um papel importante na vida dos indivíduos e, em contrapartida, a sua ausência assume a mesma importância. Com base em elementos apresentados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), publicado em um relatório no ano de 2011, a questão do desemprego é um problema presente em escala global não sendo algo específico dos países em desenvolvimento.

Com os dados obtidos pela pesquisa em relação ao perfil sociodemográfico dos desempregados da amostra da pesquisa, verificou-se que a maioria é do sexo masculino, com idade média de 27,31 anos, tem em média um a dois filhos e possuem baixo nível de escolaridade. Percebeu-se também que os dados aproximam-se aos apresentados as informações nacionais (IBGE, 2010) e ainda pelos dados da OIT (2011), que apontam que o desemprego tem afetado camadas mais jovens.

Por meio da análise de regressão dos

dados da pesquisa, notou-se que existe uma relevante relação entre a autoeficácia e o bem-estar subjetivo em pessoas desempregadas. De acordo com os resultados obtidos, pôde-se constatar que o afeto positivo é elucidado por 25% pelas variáveis sexo e autoeficácia, pois o afeto positivo é maior nos índices relativos a essas variáveis, evidenciando de forma expressiva que o indivíduo em situação de desemprego, com crenças de autoeficácia mais elevada nessas variáveis, tende a apresentar maior afeto positivo. Já em relação ao afeto negativo, 12% dos desempregados pesquisados relataram menor autoeficácia e menor afeto negativo, e as demais variáveis, sexo, idade e tempo de desemprego não indicaram o afeto negativo dos indivíduos.

Constatou-se desse modo, que a autoeficácia e bem-estar subjetivo nas pessoas em condições de desemprego compromete o comportamento dos indivíduos em suas crenças e no que elas acreditam em relação sua própria capacidade, revelou em distintas variáveis. De acordo com resultados, pode-se observar que a autoeficácia e bem-estar subjetivo é um construto importante a ser observado no comportamento humano.

O estudo apresentado proporciona uma contribuição importante para área da psicologia, para elucidar o construto da autoeficácia e bem-estar subjetivo em pessoas em situação de desemprego. Contudo, convém ressaltar que as variáveis apresentadas na obtenção dos resultados do afeto positivo, nas variáveis da autoeficácia e sexo são mais elevadas comparado as demais variáveis, que pode fortalecer as crenças em relação aos afetos positivos e negativos. Contudo, no presente estudo foram observadas diferentes variáveis de níveis sociodemográficos, e os

resultados podem ser justificados pela heterogeneidade da amostra, nível econômico e social. Existem limitações metodológicas relacionadas, especificamente, ao fato de a amostra ser representativa dos desempregados residentes na cidade de Goiânia e região metropolitana. As experiências, vivências e relacionamento social dos indivíduos são distintos, e elas, dependendo de diversos fatores ambientais no qual eles estão inseridos.

Em síntese, pode-se dizer que os resultados apresentados neste estudo apontam caminhos que levam ao entendimento sobre afeto positivo e negativo, e assim, permitem a buscar novos caminhos investigativos, que possam completar o escasso universo de pesquisa a respeito das questões que envolvem as crenças de autoeficácia e bem-estar subjetivos em desempregados. Portanto, tornam-se necessárias outras pesquisas com a finalidade de aprofundar o conhecimento da percepção da autoeficácia e bem-estar subjetivo e suas influências e não somente a respeito de indivíduos em situação de desemprego.

Referências

- Albuquerque, A.S.; Tróccoli, B.T. (2004). *Desenvolvimento de uma escala de subjetivo. Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20, 153 - 164.
- Brebner, J. Donaldson, J., Kirby, N., & Ward, L. (1995). Relationships between happiness and personality. *Personality and Individual Differences*, 19 (2), 251-258.
- Bandura, A. (1997). *Self eEfficacy: the exercise of control*. New York: W. H. Freeman Company. Acessado em 20 de outubro de 2010 no site: www.des.emory.edu/mfp/effbook1.html
- Bandura, A. (1989). Human agency in social cognitive theory. *American Psychologist*. Vol 44 (9), 1175-1184.
- Campos, D. C. (2011). *Relação entre desemprego, saúde mental e auto-eficácia em desempregados*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia. Acessado em 20 de maio de 2012 no site: http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_arquivos/11/TDE-2012-02-15T141427Z-933/Publico/Daniela%20Cristina%20Campos.pdf
- Corbi, R. B., Menezes-Filho N. A. (2006). Os determinantes empíricos da felicidade no Brasil. *Revista de Economia Política* 26 (4).518-536. Acessado em 08 de agosto de 2011 no site: <http://www.scielo.br/pdf/rep/v26n4/03.pdf>. Acesso em 08/08/2011 às 00h30min. Publicado em 2006.
- Declaração sobre os princípios e direitos fundamentais no trabalho (maio 2011). *Igualdade no trabalho: um desafio contínuo*. Relatório global no quadro do seguimento da - Conferência Internacional do Trabalho. 100ª Sessão 2011. Organização Internacional do Trabalho. Tradução portuguesa do Gabinete de Estratégia e Planeamento. Acessado em 20 dezembro de 2012 no site: http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/relatorioglobal_2011.pdf
- Diener, E.; Suh, E.M.; Oishi, S. (1997). Recent findings on subjective well-being. *Indian Journal of Clinical Psychology*, .24, 25-41.
- Diener, E., Scollon, C. N; Lucas, R. E. (2003). The evolving concept of subjective well being: The multifaceted nature of happiness. *Advances in Cell Aging and Gerontology*, v. 15.
- Diener, E.; Diener, M.; Diener, c.(nov. 2005) Factors predicting the subjective well-Being of nations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, (5) 851-864.
- Fleig, D. G., Pereira, M.C., Grzyboyski, D., Brito, M. J. (abril/jun, 2005). *Reestruturação produtiva e subjetividade: Análise interpretativa do significado do desemprego*. o&s 12 , (33).
- Frey, B.S. Stutzer, A. (jan/mar, 2002). The Economics of Happiness. *World economics* . 3 (1).

- Giacomoni, C.H., (2004) Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida . *Temas em Psicologia da SBP*, 12, (1) , 43 - 50.
- Gómes, V., Villegas, C.P. Barreira, F., Cruz, J. E. (mai/ago, 2007) Factores predictores de bienestar subjetivo en una muestra colombiana. *Revista Latinoamericana de Psicología*.39 (2).
- Instituto Brasileiro De Geografia (IBGE) (2010). *Síntese de indicadores sociais 2010*. Acessado no dia 20 de novembro de 2011 no site: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1717&id_pagina=1.
- Instituto Brasileiro De Geografia (IBGE) (2010) *Síntese de indicadores sociais 2011*. Acessado no dia 25 de maio de 2012 no site: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2018&id_pagina=1.
- Instituto Brasileiro De Geografia (IBGE) (2011). *Indicadores de trabalho e rendimento*. Acessado em 12 de maio de 2011 no site http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/defaulttab2.shtm.
- Instituto Brasileiro De Geografia (IBGE) (2011) Indicadores IBGE. Acessado em 12 março de 2011 no site: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/pme_201112tmcomentarios.pdf. Acessado em 12-2011.
- Instituto Brasileiro De Geografia (IBGE). *Conceitos Principais*. Acessado em 25 de janeiro de 2012 no site: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme/pmemet2.shtm>
- Lima, C. F., Silva, É, S., Barros, M. A., Oliveira, J. A. (jul/dez, 2009) Auto-eficácia e atributos sócio-demográficos: estudo empírico com participantes de um congresso de gestão de pessoas. *Interciências*, Teresina, 1, (2).
- Nussbaum, M. & Sen, A. (Eds.) (1993). *The quality of life*, Oxford, clarendon Press.
- Pelissoni, A. M. S. (2007). *Auto-eficácia na transição para o trabalho e comportamento de exploração de carreira em licenciados*. Dissertação de mestrado. Não publicado, Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas.
- Tumolo, L. M. S., Tumolo, P. S (2004). A vivência do desempregado: um estudo crítico do significado do desemprego no capitalismo. *Espaço Acadêmico*, 43.
- Winkelmann, R. (2006). Unemployment, social capital, and subjective well-being. *Journal of Happiness Studies*, 13a Discussion Paper nº. 2346.